

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 e 7 de Maio de 2022

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN – O INFERNO PODE ESPERAR

DOUBLE AGENT 73 / 1974

Um filme de Doris Wilshman

Argumento: Judy J. Kushner; colaboração não creditada de Doris Wishmann / *Diretora de fotografia* (35 mm, cor, formato 1x85): Nouri Aviv / *Cenários e figurinos:* não indicados no genérico / *Música:* Cine Top / *Montagem:* Louis Burdi / *Som (mono):* Aaron Nathanson / *Interpretação:* Chesty Morgan (*Jane Genet/Agente 73*), Frank Silvano (*Tim Toplar/Atlantis 7*), Peter Petrillo (*Bill, o chefe de Jane*), Louis Burdi (*Mark Chiano/Ivan Toplar*), Saul Meth (*Igor Stotsky*), Jill Harris (*a namorada de Jane*), Cooper Kent (*Hans Schmidt*), Denise Purcell (*a enfermeira*), Kurt Brandt (*o assassino*).

Produção: Doris Wilshman para Dori Film / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 72 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 1974, em dia, mês e localidade não identificados / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Peggy Ahwesh e Lisa Petrucci

Double Agent 73 marca o fim da carreira cinematográfica mas não da atribulada vida de Chesty Morgan (que, salvo erro, continua viva, retirada na Florida), judia polaca cujos pais foram assassinados durante o Holocausto e que foi criada em vários orfanatos e um *kibutz* em Israel, antes de aterrar nos Estados Unidos onde fez carreira como *stripper*. E no entanto dois anos depois de estreiar-se nas telas pelas mãos de Doris Wishman, Chesty Morgan, também conhecida como Zsa Zsa, tenha chamado a atenção de Federico Fellini (como não haveria de, caso ele visse uma fotografia dela?) e teve um papel em **Casanova**, com um personagem chamada Barberina. Infelizmente todas as suas cenas foram cortadas na montagem pelo mestre e nem se sabe se sobrou algum material guardado para quem tiver o projeto de um documentário sobre ela. Segundo o imdb, a sua presença no filme de Hong-Kong, **Dai dan fang dai dai chun, Dai san zhi shou** (1981), parcialmente produzido pelos míticos Shaw Brothers e cujo título internacional é **Family of Lust** é “*sujeita a confirmação*”, o que faz com que **Double Agent 73** seja, em princípio, o segundo e último filme da bem servida criatura.

Embora o tom de brincadeira e gaitice predomine por detrás das câmaras e nenhum dos participantes deva ter levado o projeto muito a sério, **Double Agent 73** é um objeto cinematográfico mais elaborado do que o seu *pendant*, **Deadly Weapons**, talvez porque se trate de um *pastiche*, com algumas óbvias referências cinéfilas, além de lembranças de séries da televisão americana dos anos 50 e 60. A referência mais óbvia é evidentemente James Bond, o agente “double o seven” (ninguém jamais pronunciou estas três palavras como Charles Gray), ao passo que a nossa heroína é uma *double agent* (o número 73 deve-se ao facto do seu busto fazer outras tantas polegadas, cerca de 1,85!), por ser uma agente infiltrada numa quadrilha de mafiosos e por ter seios que têm no mínimo o triplo do normal. Como James Bond, a Agente 73 tem um chefe com quem tem várias reuniões no gabinete dele, além de alguns contactos telefónicos (Peter Petrillo ou Peter Savage, que faz este papel, seria um dos argumentistas de **Raging Bull**, de Martin Scorsese, no qual também tem um pequeno papel). Como James Bond e como qualquer agente secreto que se preze, ela tem algumas armas secretas muito engenhosas, sempre à mão no momento decisivo: um batom que também é um explosivo (coisa de que o espectador se dá conta antes que expluda, contrariamente ao

interlocutor da dupla agente, que se fosse mais esperto teria saído a correr, tinha tempo para isso), um gás contido num objeto decorativo e que tem a peculiaridade de só afetar as narinas alheias e não as dela, embora ela esteja presente na sala onde o gás se espalha e – arma suprema, embora não mortal – uma câmara inserida num dos seus generosos seios. Não se pode deixar de apreciar o humor da realizadora em fazer com que aquela câmara literalmente ocula faça um ruidoso e característico clique a cada vez que é acionada, com um movimento manual tão profissional quanto o de uma enfermeira. Além da paródia global aos filmes de James Bond – que modificaram profundamente os filmes de espionagem, devido às características do personagem – há no filme de Doris Wishman uma paródia/citação a uma das mais célebres cenas da história do cinema: o homicídio a facadas, num duche, de/a **Psycho**, que é feito com um menor número de planos do que no original (e é a cores, como não poderia deixar de ser em 1974), mas contém um plano que é uma autêntica citação de Hitchcock, com a água a escorrer sobre o sangue, que desce pelo ralo. Como a grande organização mafiosa tem os seus incompetentes, matam a mulher errada, numa sequência que nos permite supor que as preferências sexuais da dupla agente não iam forçosamente para o lado masculino. Seja como for, nos dois filmes que fez, Chesty Morgan nunca é mostrada como uma bomba sexual, antes pelo contrário, despe-se de modo indiferente e não se entusiasma muito mesmo quando está acompanhada na cama. O seu corpo é mais um curioso objeto de circo do que um objeto de desejo, o que faz sem dúvida parte da “estratégia” da realizadora, típica deste tipo de cinema e que consiste dar a entender que vai apresentar uma coisa e apresentar outra, filmar ao contrário e pelo avesso.

É assim que não falta ao argumento o personagem do grande chefe secreto da organização criminosa, cuja cara ninguém conhece mas de quem sabe-se que tem uma cicatriz do lado direito do rosto. Mas nem a dupla agente, nem o espectador se apercebem de nada, embora o personagem surja várias vezes antes de ser desmascarado, de tal maneira a cicatriz é discreta. Dar falsas pistas, criar *suspense* a partir de elementos parcelares são elementos de base de qualquer filme que envolva crimes e a suposta revelação sobre a cicatriz não tem nenhum efeito violento – o que talvez tenha sido a intenção da realizadora, pois os seus filmes caracterizam-se pela homogeneidade do ritmo narrativo, pelas surpresas sem surpresa. Mas há pequenas surpresas quando menos se espera. Uma das cenas do filme é passada num hipódromo e foram obviamente filmadas num autêntico hipódromo (em **Deadly Weapons** há algumas cenas no que parece ser um palco em Las Vegas, de que se vê o famoso *strip*). Terá Doris Wishman conseguido autorização para filmar a corrida ou terão ela e os seus colaboradores entrado como simples mortais, com uma câmara em 16 mm escondida, terão filmado “clandestinamente”? Esta pergunta, que desvenda alguma coisa sobre o cinema pobre ou paupérrimo – literalmente marginal – dos anos 60 e 70, antes da era do vídeo, talvez seja tão importante em relação a **Double Agent 78** quanto os movimentos dos criminosos que a dita agente tem de combater.

Antonio Rodrigues